

PRODUTOR: Emissora Nacional



RDP



Nº. de referência: 5-5-6

Título: "A OMELETE SEM OVOS"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): MIGUEIS, JOSÉ RODRIGUES

Adaptador: GUSMÃO, FERNANDO

Realizador: ESTEVES, BASTELA

Locutor: ?

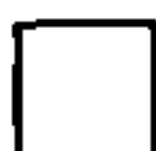
Data de produção: 15/11/1976

Data de Emissão: 29/11/76

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
CARMEN DOLORES	ELA
SINDE FILIPE	ELE
EDUARDO JACQUES	NARRADOR

Estado de conservação: Bom



Razoável



Mau



Tipo de Suporte:

Original



Cópia



Registo Sonoro: Sim



Não



Nº do Registo Sonoro:

Migueis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR. ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO



FOLHA DE PRESENCAS

Episódio N.º

Datas

da gravação 29 de novembro de 1976 às 9,15 horas.
da 1.ª emissão de de 19 Programa

Director artístico

Fernando Gusmão
Fernand. Gusmão

ENC O DO PROGRAMA

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes

Figuras

Barbica dos intérpretes

Barbara Dolores
Linda Eliza
Edward Jacques

bla
ble
narrador

James L. ...
and ...

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Castello Giovanni

Locutor

Captação

Gravação

Aby Avila - Filmo Alms

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 29 de novembro de 1946

A. OMELETE SEM OVOS

AUTOR: José Rodrigues Miguéis

(incluido no livro "Gente de Terceira
Classe"

PERSONAGENS: ELA
ELE

Narrador

Carmen Dolores
Sinde Filipe
Eduardo Jacques

Direcção: Fernando Gusmão

original

206

15 11 76

RECIBO DE G. W. T.

29 11 76

HORA 10.30

NÚMERO DO DE

DE G. W. T.

Narrador
Narrador:

→ Ele: cinquenta e cinco anos que parecem sessenta, o cabelo todo branco, mas uma vivacidade e desempenho quase juvenis. Ela: idade indefinível, a linha e a relativa frescura dos quarenta; o cabelo escuro; risonha, vestida com sóbria elegância. (.)

→ Música: sobre a música:
Ele:
Ela:

Narrador → O estúdio dum escritor. ~~Porta larga ao fundo, direita, mostrando o interior duma cozinha; janela rasgada, à direita. Uma porta, ao fundo, esquerda, dá para o interior. A entrada faz-se~~ ^{pela esquerda} ~~pela esquerda baixa~~, onde se avista

Relógio da hora

12 badaladas

em 1.º plano à

1.ª H ou 5.ª; Depois

as outras continuam

em 2.º plano

o foyer e a porta da escada. ^{Relógio} O mobiliário é usado, heteróclito e modesto. Sob a janela, uma vasta mesa de trabalho, coberto de livros e papéis, com lâmpada, telefone, etc.; ao lado, a máquina de escrever e um arquivo. Ao longo das paredes, ornadas de alguns quadros e gravuras, correm as estantes abertas, carregadas de livros. Há duas ou três cadeiras, uma poltrona, um sofá disposto contra a mesa de trabalho, com uma mesa de café em frente e um pequeno armário de bebidas ao lado. Atmosfera é a do lar dum solteirão, mas sem desordem nem desleixo.

Passa pouco do meio-dia, o sol entra a jorros pela janela sem cortinas, inundando a mesa de trabalho. ^{Campainha} ~~ao subir o pano,~~ a campainha da porta toca repetidas vezes, com algo de impaciência. ELE, em blusa de trabalho, entra da cozinha, desembaraça-se do avental de cozinheiro, que atira para cima numa cadeira, e atravessa o estúdio. ^{Passo - Ele}

Don Juan

em 2º plano

ELE- (correndo a abrir) Lá vou! Lá vou! (abre a porta) Enfim, querida amiga! (ELA entra) Seja bem-vinda ^{Narrador: Ele} (beija-lhe a mão, tenta abraçá-la, beijá-la no rosto; ELA esquiva-se) Então?! (ri-se) ^{Narrador: Ele} Vem alguém a segui-la? (finge espreitar para o patamar, depois fecha a porta)

ELA- Não, desculpe... Sinto-me um pouco enleada. É a primeira vez que aqui venho... que isto me acontece! ^{Narrador: Ela} (tira o chapéu e as luvas, que ELE toma) E você é muito empreendedor: assalta-me logo!

ELE- Claro. É preciso começar por derreter o gelo. Depois é mais difícil. Dê-me o casaco.

ELA- (enquanto ELE a ajuda a tirar o abafo) O gelo derrete-se mais depressa que os hábitos! (com vivacidade) Mas não há gelo nenhum! Ou é só à superfície. O que me mete medo é o fogo que ele esconde.

ELE- (pendurando o casaco) Ah, feliz de quem pode falar assim! Você esquiva-se porque sente o fogo interior; eu tenho pressa... porque ele me vai faltando! Há uma grande diferença. Sente-se.

ELA- (a rir, sentando-se no sofá) Não se faça inocente. Um Don Juan como você!

ruído de copos quebrando

ELE- (abre o armário de bebidas) Oh, são mais as vozes que as nozes. A lenda! [↑] Você que toma? Scotch, Portor, Xerez, Madeira, vermute?...

ELA- A esta hora? Não tomo nada. O vinho sobe-me à cabeça, é preciso ter juízo. Não se aproveite! É assim que você convence as suas vítimas?

ELE- (servindo-se de scotch) Vítimas, que ideia. [↑] Sou um homem _↓ pacato. E fiel aos meus afectos.

ELA- (rindo) Fiel! A cada uma por sua vez, não?

ELE- (senta-se; abanando a cabeça) Está enganada. Não gosta de aventuras, prefiro a quietação. Aqui metido, sonho, trabalho, escrevo, sem que ninguém me venha perturbar fisicamente. Não há nada que pague isto. (bebe)

ELA- (rindo) Terei eu vindo perturbá-lo no trabalho? ou arrancá-lo ao sonho? (olha em torno) Asceta! A sua casa mostra-o bem, quase nua...

ELE- para mim chega, esta simplicidade. As coisas apoderam-se de nós, acabam por nos dominar. Prefiro ser senhores de mim mesmo. A pobreza nunca me assustou: adiro à modéstia da minha gente.

ELA- Por princípios? ou falta de ambição?

ELE- (encolhe os ombros)-Por ambas as coisas. E Também por comodismo: não sou nenhum frade!

ELA- É o que ouço dizer. Mas porquê? O conforto, a abundância, metem-lhe medo?

ELE- Só tenho medo do que me incomoda: o dinheiro, o bricabraque, as amizades implacáveis, as mulherzinhas fáceis... Os meus melhores amigos são os meus adversários: porque me estimulam, em vez de me explorar. (enche de novo o copo)

ELA- Não beba tanto! Isso faz-lhe mal, antes do almoço.

ELE- O álcool acalma-me os impulsos: serei menos "empreendedor"!

ELA- (divertida) Comigo?

ELE- Você repeliu o meu "assalto", não? É preciso ter juízo!

Terei juízo. Por timidez ou orgulho, nunca persigo quem foge.

Só tomo o que se me rende espontaneamente. E nem sempre. Limitada como é a minha escolha, sou muito escrupuloso, (inclina-se para-

→
Ruído de
servir-se

→
Som

→
Ruído de
servir-se

para ELA) Não gosta que a respeite assim? ^{↑ deixa o tom em segredo} Ou prefere que eu volte à ofensiva?

ELA- Não me faça perguntas! Você não me torna as coisas nada fáceis.

ELE-O que é fácil não é interessante.

ELA- Obrigada pelo cumprimento. Você conhece-me há muitos anos. Sabe que eu sou uma mulher honesta. De "bons costumes", como diria a minha cozinheira.

ELE- Se você não fosse de "bons costumes", eu não a tinha instado a vir aqui.

ELA-(rindo) É muito exigente! Só as quer honestas... Talvez em primeira mão, não?

ELE- Não lhe disse que as quero: nem as procuro. É só por acaso...

ELA-(levemente picada) Acaso? Acha que eu vim aqui por acaso?

ELE -Quer que eu diga antes destino? É demasiado teológico. Além disso: você está fora e acima de todos os acasos. A sua inteligência e a sua correcção no infortúnio atraem-me, atraíram-me sempre, (inclina-se para ela) Para não falar nos seus encantos!

ELA-(lisonjeada) Encantos! Não seja lisonjeiro. Na minha idade eu sei bem o que valho, e o que posso esperar. ^

ELE-(a estudá-la com visível prazer) Você é um milagre de juventude preservada. Ninguém lhe dá quarenta. Casou-se há quê, dezoito, vinte anos?

ELA- Há vinte e oito! Tinha eu vinte e dois. E você...vinte e cinco.

ELE-E sete! Lembro-me bem, parece que foi ontem. A rapariga mais bela do Porto! Eu podia-me ter apaixonado por si. Devia ter-me apaixonado! ~~mas não~~. Devia ter-me

ELA (impulsiva e risonha) E porque não se apaixonou?! Eu repeli-o? O rapaz mais simpático da sua geração... Aos vinte anos você era... sedutor. Vivo, nervoso, cheio de verve e talento! A sua voz, como ainda hoje, era madura, envolvente- mexia connosco cá por dentro. Todas as pequenas do meu tempo eram loucas por si. As novas e as velhas! Como é que eu^o podia repelir? Era você que não ligava: vaidoso, cheio de si, irónico, às vezes severo como um juiz! Nós tínhamos-lhe medo!

ELE- Juiz! Severo comig^o mesmo, talvez. Mas isso, de fora, não se percebia.

ELA- Ou seria ambicioso, exigente, como hoje? Punha as vistas muito alto! Desprezava as burguezinhas sentimentais!

ELE- Aos vinte anos, querida, eu não sabia quem era. Nem sequer se era homem. Duvidava de mim próprio, sentia-me condenado à castidade, ao celibato, à... Fiz projectos de meter a frade. Não se ria! Cheguei a pensar no suicídio. Nenhuma experiência me satisfazia: ou mulheres da rua ou então burguezinhas... como você. Eu procurava o Absoluto: a paixão una, física e intelectual. Mas não encontrava o meu objecto.

ELA- E encontrou-o? mais tarde?

ELE- Quase aos trinta. O tal "acaso" ou "destino" revelou-me a mim mesmo, revelando-me a Mulher. Supunha-me incapaz de paixão, de devoção total, e essa mulher tornou-me capaz de tudo isso, e mais: de fazer a felicidade de alguém.

ELA- (quase mordente-) A mulher que o fez infeliz!

ELE- Não. A mulher que me fez feliz. Tanto, que me inutilizou para tudo que não fosse o amor superlativo. Ao tempo, eu via sofrer os meus amigos por causa das mulheres, dos seus caprichos e nervos, e dizia a mim mesmo (batendo no peito): "Mas eu sou feliz" Quando se provou um vinho desses, nunca mais se pode gostar de ~~ni~~

outro.

ELA- Mas você é infeliz! A maneira como vive, o que escreve, as nossas conversas, as suas cartas e confidências- tudo o prova! Ela fê-lo infeliz. Não era mulher para si, para um poeta: você precisava do amparo dum grande carinho, duma profunda dedicação! E ela...

ELE(sorrindo calmo) Não me tente convencer. Se alguma coisa em mim há de infeliz, sou eu. Ela ensinou-me a felicidade, a perfeita, a absoluta, a incomensurável: a fusão do êxtase intelectual e do arrebo físico, a consonância total de dois seres, o esquecimento completo do Eu no Nós, na comunhão: a dualidade feita unidade! Estar junto dela era a serenidade do Paraíso: o ar que respiramos, o sol que nos alumia e nos aquece, sem o sabermos: e quando um ou outro nos falta, de repente, asfixiamos, ficamos cegos, gelados...Entende? Horas sem fim de trabalho, lado a lado, em silêncio, sem darmos pela presença um do outro: e de súbito, a um gesto, a um sorriso dela, a chama de oiro ardia! (noutro tom) Era assim. Depois...(bebe) ^

ELA(ansiosa)Depois?... (pausa) Como é que se pode perder um tal paraíso?

ELE-Exactamente porque era o paraíso. O Paraíso foi inventado para se perder. Foge-nos.

ELA-Com o tempo?

ELE- Com a idade...A saciedade, a fadiga, o esgotamento, tudo isso. É no corpo que vibra a música da alma. Mas, ao contrário do violino, que melhora sempre quando é bem tocado, o corpo humano perde a ressonância, não se pode manter indefinidamente à intensidade das vibrações supremas. Gasta-se. Envelhece. Pouco a pouco ^{o fogo} decai, amortece, chega a extinguir-se.

ELA- E não ná nada que o possa reanimar?

ELE-Duvido muito. O amor (que outro nome lhe havemos de dar?) é um tesouro que se esgota como todos os tesouros, como a juventude. Queimamos as nossas reservas de êxtase, e ficamos reduzidos a cinzas.

ELA- É desanimador.

ELE- Oh, até certa idade ainda é possível reacender uma labareda efêmera... Por meio de artifícios, da fantasia, da obsessão, da perversão. É uma intoxicação que nos leva a perder tudo: inibições, decência, moral... O homem torna-se capaz até do crime. Mas é tudo ilusão, fogo de palha depressa extinto. E o desencanto!

ELA- Mas o amor-Amor..., a união das almas: essa morre também?

ELE-(olhando-a fixamente-) Nada morre, mas tudo se transforma. Nenhuma fé profunda se perde jamais inteiramente. O amor torna-se uma chama branca e fria, que arde sem o corpo. Ou só ocasionalmente e por instantes se comunica ao corpo, para o consumir...ou decepcionar de si mesmo. É o amor incorpóreo, o Amor Intellectualis do filósofo. O envelhecimento, minha querida, não é só aparência, um "flatus vocis:" é uma dura realidade. Temos de aceitá-la e resignar-nos. Como pedir ao Inverno a selva da Primavera?

ELA-(agarrando-se desesperadamente à esperança) O corpo envelhece talvez, mas a alma...

ELE-A alma é a irradiação do corpo. Envelhece com ele. Ganha rugas mirra...Só as ilusões persistem. Em Quem as tem...

ELA- Ah. como aos vinte anos, você ainda é, acima de tudo, o "intelectual, o inimigo da ilusão! Começo a compreendê-lo.

ELE-Não vivo de ilusões, se é isso que você quer dizer. Hoje, como aos vinte anos, eu procuro no homem o que é sólido e durável.

ELA Haverá coisa mais sólida e durável que o sonho? Ou não se julga já capaz de amar?

ELE-(a rir) Oh, pelo contrário! Capaz disso e de pior: de paixão, de loucura, de devoção e sacrifícios! (moderando-se de repente) Mas não me iludo. E falta-me a paciência. Detesto as "conquistas", as manobras, as convenções... Dedico-me às boas causas- a paz, a liberdade, a felicidade dos homens! Escrevo intensamente. Cada época da vida dá os seus frutos próprios. A idade tem as suas compensações. E depois, minha querida, há o tal vinho que não se bebe duas vezes na vida... A vida não se repete. Para que provar o ópio que só nos deixa o desalento, a fraqueza e o vácuo? É preciso saber resignar-se, e ir para diante.

ALA(quase submissa-) Um amor puro, espiritual..., um amor de irmãos! Nem esse mesmo é possível? Ou é isso que ^{me}aconselha?

ELE- Amor de irmãos! Todo o amor é Amor. Com mais ou menos inibições ou preconceitos. E entre nós, querida, um amor fraterno seria picante: um amor incestuoso... sem o incesto. Hã? Que diz? Você sairia daqui para se ir confessar, purificar, e com dois padre-nossos e duas salve-rainhas seria absolvida. Só os missionários barbudos são severos com os pecados duma mulher piedosa e madura. Agora eu, o céptico, o agnóstico, o quase-ateu, só teria a consciência para me julgar. E ela nem sempre é indulgente. Não é tanto o arrependimento que me inquieta: pior do que isso é a desilusão, a sua e a minha. Inexorável!

ELA-pálida- Quer você dizer que me atraiu aqui sem ter... na ideia duma... só para satisfazer um capricho? e prevendo a desilusão?

ELE- Nada disso! Não tire partido das minhas palavras! E de resto, eu não a hipnotizei: você veio aqui por sua vontade: desiludir-se! (pausa; com gravidade e ternura) E quem lhe diz que não lhe quero, e muito? Como se quer na minha idade... Se a não amasse não a tinha "atraído" aqui. E que palavra sinistra, atrair!

Parece que a quero eu depravar!

ELA-(ainda na dúvida-) Depois do que você me disse do amor fraterno, é caso para supor...

ELE- O verdadeiro amor nunca é depravado. Quer-me você dizer que nunca saboreou ou fantasiou uma pontinha de perversão, mesmo disfarçada em...ternura?

ELA-(corando-) Mas não é isso que eu procuro! Por quem me toma você? (com doçura) Há tanta coisa bela que nos aproxima! Conhecemo-nos há tantos anos, compreendemo-nos tão bem, temos tantos gostos em comum! E há a nossa mocidade, a identidade das nossas condições- você teve a sua paixão, eu tive a minha: e agora, vivemos ambos frustrados,.E tudo a que você me propõe é corromper-me!

ELE- A inocência e a corrupção são irmãs gêmeas, vivem paredes-meias. E ambas me embriagam!

ELA- Que quer dizer? Não fale em metáforas!

ELE- como se reflectisse em voz alta- A inocência é a ignorância do vício, ou antes, da virtude. É a verdadeira pureza original, a de Adão e Eva no Paraíso. E a corrupção é a revolta contra os tabus da virtude, um retorno à inocência pela infracção às regras da moral. A criança conhece o pudor, mas ignora as inibições da vida social, e é capaz de todas as curiosidades e amoralidades. A criança é pura. É a nossa "virtude" de adultos depravados que a corrompe, que a faz ocultar e mentir, disfarçar. Crescer é angustiar-se.

ELA-Você assusta-me! Começo a crer que é um Casanova, um De Sade, um Humbert-Humbert!

ELE- O Casanova era velho quando redigiu as Memórias, para aquecer os ossos. E o Sade passou longos ~~anos~~ no cárcere, a inebriar-se de fantasias de solitário. Quanto a Humbert-Humbert, pagou cruelmente a fidelidade a um primeiro amor da infância. Esses ao menos eram lúcidos! O corpo remexe nas próprias cinzas para se dar a ilusão. Romântico, não?

ELA-(risonha e fascinada-) Você é uma ameaça social. Devia ser internada!

ELE-Não tenha receio. A infracção às regras de moral está nos x actos, e não nos pensamentos. O pássaro canta, às vezes até melhor atrás das grades. Eu sou um tímido, um inibido, como aos vinte anos. Entre o que eu penso e o que faço flutuam noites, como dizia não sei que poeta.

ELA- Ainda bem! Respiro...Uff!

ELE- Atingi a idade feliz da impuissance relativa. Que é a idade da tolerância e da indulgência. Já nada me espanta nem me choca. Pronto a experimentar e a perdoar tudo, em mim e nos outros, Já nem de ciúmes sou capaz!

ELA- Você não está só depravado: está cínico, anestesiado!

Ele- Consigo sou sincero. Desejaria sê-lo ainda mais. Todos nós queremos tornar a viver, prolongar ou deter a vida como Josué fez ao Sol, recuperar os ensejos perdidos, reacender o fogo morto. Você, eu...Por isso os velhos procuram nas Lolitas, nos brotinhos, o rejuvenescimento por indução: amar o que é novo remoja-nos. Não digo voltar atrás, ao passado-isso de nada serviria: mas continuá-lo no presente,actualizá-lo. Reclamamos o acicate da novidade, da surpresa, das sensações e emoções desconhecidas...Alguns encontram na contemplação dos seus Ganimedes o espectáculo que ~~se~~ outrora, neles próprios, os inebriava de narcisismo:"Meu Deus, que eu não morra sem tornar a ..." Ah, é muito complicado! (bebe) (v)

ELA- Devo então compreender que,hoje, você procura apenas reavivar a...?(gesto vago)

ELE- Na minha idade, querida, o amor é uma função quase^o cerebral, um fruto da fantasia criadora.

ELA- Na sua idade! Mas você está novo...

ELE-(sem a ouvir-)A juventude não sabe o que tem nem o que vale ou pode: ignora ou malbarata quase/ sempre os seus tesouros. Veja como os jovens amam! Ou se entrincheiram na "pureza", como eu fiz, pondo a espiritualidade do amor acima da sua realidade física, e

sofreando as energias que daqui a vinte ou trinta anos hão-de chorar ter perdido ou desaproveitado; ou então, engolfam-se numa sexualidade desenfreada e mecânica, sem alma nem requinte—como para despachar— sem o senso do mútuo, que é o diapásão do autêntico Eros, da alegria de viver. Não sabem amar, amar-se, amar os outros... E Eco é bem mais importante que Narciso!

ELA—Mas essa foi sempre a lei da vida: se a mocidade soubesse e a velhice pudesse...! Graças a Deus que temos a idade madura!

ELE— Sim, o amor, como a liberdade, é um longo aprendizado e uma longa paciência. É preciso ter-lhe percorrido toda a escala para ~~que~~ que um dia, libertos da magia ofuscante do corpo, possamos conhecer enfim a intimidade, a identificação total, que é o puro amor e o absoluto gozo. Mas quantos o conseguem?

Quantos sabem, sequer, que tal existe? Ou quando o chegam a saber é em geral tarde de mais! *→ Relojão da 1ª Batalha*

ELA— Você é então dos que crêem que a experiência é uma coisa que só se tem quando já se não pode utilizar?

ELE— Sim, mas duvidamos sempre, indagamos, queremos ~~maior~~ conhecer mais e melhor...Iludimo-nos, teimamos: essa é a nossa tragédia.

ELA—(com ironia—) Foi talvez a sua ...teimosia que lhe granjeou a ~~maior~~ fama de conquistador?

ELE— Oh, coisas que os leitores—as leitoras!—imaginam para nos sentirem mais perto de si, para nos porem ao seu nível: isso li-sonjeia-os. É a nossa mentira que os atrai, e não a nossa verdade. Nós formulamos os problemas, eles procuram soluções. É certo ~~que~~ que a minha tolerância ou fraqueza me arrastou uma ou duas vezes a fazer concessões de que me arrependi amargamente.(sério, quase duro) E no entanto, a minha teoria, a genuína, quer você saber qual é?

ELA—Hm, Hm!

ELE— Ei-la: vale mais ~~para~~ um minuto de êxtase de amor absoluto que uma vida inteira de voluptuosidade sem conteúdo. Ah, eu rio-me

dos Don Juans, que não provam nem conhecem nunca a fundo a verda-¹²
deira comunhão! Esta é uma coisa ao mesmo tempo demasiado preciosa,
delicada e forte, para se poder brincar com ela!

ELA (pondo-lhe a mão no joelho-) Pobre amigo!

ELE (agarrado-lhe na mão-) Não me lamente! Eu vivi. Todas as minhas
experiências, as boas e as más, continuam vivas em mim. Tudo o que
amei na vida ainda hoje o amo. Sou um homem feliz.

ELA- Feliz! Abandonado e feliz!

ELE- (sacudindo-lhe a mão-) E você a dar-lhe! Eu não me sinto aban-
donado, sinto-me livre. É uma coisa inteiramente diversa.

ELA- Mas a Angelina...

ELE- A Angelina é minha mulher. Foi sempre uma grande companhei-
ra. E o meu melhor crítico! Admiro-a, respeitando-lhe a independên-
cia, a devoção profissional. Viaja, trabalha, investiga, faz a
sua vida, é uma mulher de ciência. Como quer você que eu a retenha?
Olhe, neste momento está ela num congresso, não sei se em Bolonha
ou Zacatecas... Deixa-me toda a liberdade, que é a minha única rique-
za. Eu é que talvez a não saiba usar...

ELA- Deixa-o aqui sózinho! Não cuida do lar, do marido, dos filhos!
Odio sempre a maternidade, a vida feminina, nem sequer se veste
como deve ser! Sempre ausente, ocupada, na Lua... uma louca! Basta
olhar isto... (gesto circular abrangendo a casa) Nem sequer lhe põe
cortinas nas janelas!

ELE- (aborrecido, largando-lhe a mão-) Os filhos estão criados e
ao largo. E eu não tenho exigências. Sou um asceta, não diz você?
Vivo assim muito melhor.

ELA- Mas acredita que ela lhe seja... fiel? Tem tanta confiança
nela?

ELE- Confiança absoluta! (com espanto) *América 1.º plano e depois fica em fundo*
Fiel?! Sei eu lá se ela
me é fiel! E eu, não lhe fui infiel? não lhe dei... desgostos? embo-
ra sem por isso a amar menos? Quer você que eu a condene porque ne-
la, como em mim, se extinguiu a chama de outrora? Procure entender-
me: o arrefecimento da paixão, a crise da idade, a divergência de

13
interesses e ocupações, a desinteligência física, até-nada disso
rompeu os laços de carinho, de estima, respeito mútuo, que sempre
nos uniram. Na aparente frieza das nossas relações, somos profun-
damente solidários. Morta ou gasta a paixão, ficou-nos a "união
das almas"-palavras suas- a única que, quando existe, sobrevive
a todas as vicissitudes. Os nossos corpos perderam talvez a ~~cu-~~
~~sidade~~, a capacidade de vibrar ao contacto mútuo: é natural e é co-
mum. Daí, a minha tolerância para com ela. E a dela para comigo, es-
pero bem! *(Música: 1º plano de piano em fundo)* (pausa; ELA espera ansiosamente) Só a fantasia nos pode
ocasionalmente reconduzir ao êstase. Por vezes... Que esta confidên-
cia a não choque: somos velhos amigos! Por vezes, é a imaginá-la
como a via dantes, delirante de paixão nos meus braços, mas agora
nos braços de outro, que eu consigo reacender um pouco do nosso
fervor antigo: julgando-a e julgando-me ainda capaz de exaltação.
Será isto tolerância? o avesso do ciúme? ou perversão?

ELA- que o escutou empolgada, levando a mão à garganta- Já não
sei se você é um perverso ou um santo! Talvez as duas coisas...

ELE-A santidade e a perversidade confundem-se facilmente. *(Música: piano)* E você,
não amou apaixonadamente o seu homem? E ainda o ama-não negue!
Um homem superior, duma rara inteligência, bem sucedido, um triun-
fador! Deve ter sido feliz a valer. (fitando-a intensamente, quase
hostil) Com ele!

ELA-(num súbito transporte-) Feliz! Ah, fui-o tanto quanto o'pode
ambicionar a mulher mais exigente! Fisicamente, até à plenitude,
até ao delírio. Espiritualmente, até à idolatria, à subserviência,
à abjecção! Para mim ele foi o esposo, o amante, o filho, o com-
panheiro ideal a quem nada se recusa. (com desalento) Hoje...

ELE-(depois duma pausa friamente, pondo-se de pé-) Hoje é o ini-
migo, o tirano, o verdugo. E você, a mártir. Ele tem amantes, passa
o tempo com elas, dá-lhes tudo, sacrifica-a, deixa-a só. Porquê?
Ele arrefeceu? Arrefeceu você? Perderam o traço de união?

ELA-(levando as mãos aos olhos-) Oh meu Deus!

ELE-(inclinando-se para ela-) Perdoe-me. Eu sei quanto isto lhe dói. Mas dói-lhe porque lhe falta, a você, a tolerância consigo mesma. Porque teima em viver no que passou. Não desiste de ser quem foi, para ser só quem hoje é.

ELA-(impetuosa-) Ele humilha-me, é cruel comigo, priva-me de tudo, e expõe-me a vexames! E você vem-me falar de tolerância!

ELE- Então porque o não deixa?

ELA-(num grito-) Por cobardia! Creia, chego a ter desprezo de mim própria!

ELE- Não. Você tolera-o por amor. Por amor dele, do passado, de si própria, da sua humilhação. Pelo gozo de ser espezinhada. Ele é o mais forte, é o Home. Se não gozasse já o tinha deixado há muito. O que é que a prende! O medo de se expor? Recela as línguas do mundo? A solidão? A sua filha única está casada, e adora-a; e tem os seus netinhos! Que mais lhe é preciso?

ELA-(atónita-) Você fala sério? Acredita no que diz?

ELE- É a sua vinda aqui que o diz, não sou eu.

ELA- A minha vinda? Como?

ELE-(voltando a sentar-se-) Por que outra razão viria você? Não foi decerto para nos amarmos como irmãos! Nem sequer para se certificar do meu ascetismo, da minha severidade de juiz?

ELA- Não seja cruel! Eu já sofro demasiado!

ELE- Agora tem de me ouvir, ainda que sofra. Vai-lhe fazer bem! (ELA curva a cabeça) Você veio aqui-generosa!- oferecer a sua piedade, a solidariedade no sofrimento ao pobre abandonado. Supôs-me vítima fácil e desejosa, sequioso de carinhos, pronto a receber a sua esmola. Eu devia aceitá-la, ficar-lhe grato, abençoá-la, não é assim? (ELA olha-o, esgazeada de fascinação) Mas é exactamente porque se sente infeliz, amesquinhada, que você se julga e me julga disponível para outro amor, um grande amor, o sonho do resgate! Veio vingar-se do abandono, da humilhação, do despeito que a rói. Procurar em mim o que perdeu nele, com ele! Ou, quem sabe, o camarada boémio e folgazão que lhe proporcionasse as alegrias da escapa-

~~dele~~! (como ELA acena que não, ele verruma mais fundo) Então por-
que ^{não} veio mais cedo?... É como os acrobatas voadores, que quando lar-
gam um trapézio e se abandonam ao espaço, esperam sempre encontrar
outro trapézio a que se agarrem, ou pelo menos a rede onde se pos-
sam deixar cair sem se magoar... É isso? Foi isso que a atraiu aqui,
ao antro do ascete-Don Juan? Diga!

ELA (chocada, em lágrimas, mas compreendendo) Você é revoltante! Eu
recusei o seu beijo, à entrada! Não sou uma aventureira! (leva o
lenço à boca, a abafar um soluço, depois olha-o a sorrir entre lá-
grimas) Vim aqui porque você prometeu ensinar-me o segredo da sua
famosa omolete au fromage, lembra-se? Ora aí tem. Que pretextos
você inventa para as convencer!

ELE (por sua vez atônito-) É verdade, a omolete. Tinha-me esquecido
completamente. Estava na cozinha a fazer preparativos quando você
chegou e... (vê as horas) Mas escute, ainda não é uma hora; se tem
apetite, podemos experimentar...?

ELA (enxugando os olhos e rindo) Não! Vou almoçar com a minha filha
e os meus netos! É mais próprio duma mulher da minha idade, não acha?
Você manda-me a receita por escrito, e eu tentarei aprender sózin-
ha.

ELE-É talvez mais sensato. Costuma-se dizer que não é possível
fazer uma omolete sem quebrar ovos...

ELA- Não atinjo o segundo sentido.

ELE-O amor é como a omolete: não se pode fazer sem...sem quebrar
alguns ovos.

ELA (levantando-se) E você não o quer quebrar, é isso?

ELE (imitando-a) Minha querida, os nossos ovos estão talvez desso-
rados. A omolete seria insucesso.

Narrador: ELA (pondo o chapéu-) Devo então contentar-me com a omolete conjugal!

Narrador: ELE (ajudando-a a envergar o casaco-) Eu não a quero tornar ^{mais} infeliz,
nem dar a mim próprio razões de me censurar e arrepender. O carinho
e a admiração que lhe voto exigem mais, alguma coisa de melhor, da

da minha parte, que o desapontamento que seria o seu. E o sonho, você mesma o disse, resiste a tudo: ao tempo e ao frio dos ossos.

Narrador ELA (calçando as luvas-) Resta-nos o tal amor de irmãos!

ELE- A omolete sintética, o ersatz do sonho. Eu mando-lhe a receita.

ELA-(com uma esperança-) Um romance a dois, só para mim? O lenitivo das cartas de amor impossível?

ELE-Do amor que podia ter sido e não foi; que tenta resistir ao desencanto do Tarde-de-mais.

ELA-(veemente, aproximando-se dele-) Promete? Ao menos alimentar-me as ilusões? Como a uma menina romanesca de pensionato? As confidências? Os delírios dos vinte anos?...

ELE-(comovido e a rir-) Sim, as fantasias que a mulher virtuosa, fiel ao marido, apreendeu a recalcar. Aquilo que ele lhe recusa, ou não lhe pode já dar. Teremos os nossos delírios... mas a distância.

ELA-(quase pronta a cair-lhe nos braços-) Querido! Como és bom, compreensivo e generoso!

Narrador → ELE (beijando-a de leve na face e impelindo-a brandamente para a porta-) Faremos a nossa omolete sem quebrar os ovos. Adeus, querida, Sinto que volto aos meus vinte anos!

Ela (reprimindo um soluço-) Adeus, asceta! Homem honesto...demasia-

Narrador: do honesto! (sai a correr).

Abacost → ELE fica um momento a vê-la descer, depois fecha a porta devagar, é, de mãos no ferrolho e cabeça apoiada ao batente, medita alguns instantes. No fim volta para dentro, olha em torno hesitante e descoroçoado- parece de repente envelhecido- suspira fundo, vê maquinalmente as horas: como se uma ideia lhe acudisse, encaminha-se rapidamente para a cozinha, ^{passa} enfia o avental, parte dois ovos numa tigela, e começa a batê-los com vigor.

Música - Sobe a música:
Ele:
Ela: